

Cartografias temporárias da cidade de Natal-RN

Manuela Carvalho e Ruth Ataíde

Manuela CARVALHO; manu_cristina40@hotmail.com;

Ruth ATAÍDE; rataide_58@hotmail.com;

Resumo

À medida que nos distanciamos dos espaços públicos da cidade, perdemos qualidades essenciais à manutenção da vida coletiva, dos direitos sociais adquiridos e manifestados nas ruas. Esse distanciamento tem se afirmado na cidade moderna, promovendo uma alienação no modo dos indivíduos usarem e se relacionarem com os distintos lugares no espaço. Nesse contexto, de desfragmentação do convívio citadino e da afirmação da fluidez das novas relações, a imposição dos princípios neoliberais têm se mostrado como um dos indutores onde, por meio de processos que orientam a mercantilização da vida, regulam desde o campo político e socioeconômico às expressões culturais e à construção das cidades. Em oposição, novas possibilidades de uso e apropriação do espaço surgem e revelam outras alternativas de se intervir na cidade de forma coletiva e menos padronizada. Essas ações, também chamadas táticas, são aqui tratadas como intervenções temporárias e foram caracterizadas pela sua temporalidade efêmera, pela participação coletiva e a capacidade de transformar os espaços da cidade, ainda que por períodos determinados, em lugares de acolhimento e livre expressão da cultura. Neste artigo, busca-se compreender as relações destas estratégias materializadas nos espaços livres públicos com a democratização do acesso à cidade a partir de uma discussão estruturada em quatro partes: introdução, reflexão teórica, análise do campo empírico por meio de cartografias sociais e entrevistas, tomando como base quinze intervenções mapeadas na cidade de Natal/RN, e as considerações finais. **Palavras-chave:** intervenções temporárias, neoliberalismo, cartografia social, Natal/RN.

Abstract

As we move away from the city's public spaces we lose essential qualities to the maintenance of the collective life, of the social rights acquired and manifested in the streets. This distance has been affirmed in the modern city, promoting an alienation in the way individuals use and relate to different places in space. In this context, of defragmentation of the city life and the affirmation of the fluidity of new relations, an imposition of neoliberal principles has been defined as one of the inducers where, through processes that guide the commodification of life, they regulate from the political and socioeconomic field cultural expressions and the construction of cities. As opposed to that, new possibilities of use and appropriation of space emerge and reveal other possibilities of intervening in the city in a collective and less standardized way. These actions, also called tactics, are treated here as temporary interventions and were characterized by their ephemeral temporality, for the collective participation and for the capacity to transform the spaces of the city, even for determined periods, in places of welcome and free expression of culture. In this article, it seeks to understand the relationship of these strategies materialized in public open spaces with the democratization of access to the city from a discussion structured in four parts: introduction, theoretical reflection, the analysis of the empirical research through social cartographies and interviews based on fifteen interventions mapped in the city of Natal-RN, and the final considerations.

Keywords: temporary interventions, neoliberalism, social cartography, Natal/RN.

Resumen

A medida que nos alejamos de los espacios públicos de la ciudad, perdemos cualidades esenciales para el mantenimiento de la vida colectiva, de los derechos sociales adquiridos y manifestados en las calles. Esta distancia se ha afirmado en la ciudad moderna, promoviendo una alienación de la forma donde las personas usan y se relacionan con los diferentes lugares del espacio. En este contexto, la desfragmentación de la vida en la ciudad y la afirmación de la fluidez de las nuevas relaciones se han demostrado como uno de los inductores de la imposición de los principios neoliberales donde, a través de procesos que guían la comercialización de la vida, regulan desde el campo político y socioeconómico hasta las expresiones culturales y la construcción de ciudades. En oposición a esto, aparecen nuevas posibilidades de uso y apropiación del espacio emergen y demuestran otras posibilidades para intervenir en la ciudad de una manera colectiva y menos estandarizada. Estas acciones, también llamadas tácticas, se tratan aquí como intervenciones temporales y se caracterizaron por su temporalidad efímera, la participación colectiva y la capacidad de transformar los espacios de la ciudad, durante períodos determinados, en lugares de acogida y libre expresión de la cultura. En este artículo, buscamos entender la relación de estas estrategias materializadas en espacios públicos abiertos con la democratización del acceso a la ciudad desde una discusión estructurada en cuatro partes: introducción, reflexión teórica, análisis del campo empírico a través de cartografías sociales y entrevistas tomadas basado en quince intervenciones mapeadas en la ciudad de Natal-RN, y las consideraciones finales.

Palabras-clave: intervenciones temporales, neoliberalismo, mapeo social, Natal/RN.

Introdução

O espaço urbano das grandes cidades tem sido alvo de muitas transformações, que refletem diretamente nas relações sociais envolvidas no processo de produção dos espaços públicos e privados, aos quais, impulsionados por um modelo de crescimento fundamentado nas políticas neoliberais, contribuem para a criação de novas subjetividades que influem e modelam o comportamento dos atores e coletivos a partir de uma narrativa fundada na produção e na acumulação de capital. Pierre Dardot e Christian Laval (2016) afirmam que o neoliberalismo, muito além de uma política econômica, “é um sistema normativo que influencia todo o mundo sob a lógica do capital, interferindo, assim, em todas as esferas da vida pública” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 07).

Para Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo, a partir de diversas subjetividades e dispositivos de controle, orienta governos, empresas e milhões de pessoas, muitas vezes de forma inconsciente. Potencializadas pelos avanços tecnológicos do Estado moderno e o enfraquecimento do poder público, as práticas neoliberais se concentram em uma nova razão contemporânea fundada na racionalidade. É importante com-

preender que, nesse contexto, os Estados passam a ser intervencionistas, deixando de atuar na proteção social e conduzindo territórios e pessoas às necessidades diretas do capital, materializando no mercado o mito do “empreendedorismo”. Esse seria então o Estado-capital, a fortificação da figura estatal quando associada aos interesses do mercado (DARDOT; LAVAL, 2016).

Aliada a esses processos, podemos apontar a ideia de modernidade, ou modernização, como o esteio para as grandes transformações nesse modelo de vida, com destaque para o redirecionamento das práticas culturais e os processos sociais e econômicos dos espaços públicos para os privados. Nesse sentido, o crescente avanço tecnológico, a globalização, as diversas redes de comunicação e a liquidez das novas relações, aliadas ao crescimento de políticas neoliberais, traduzem nas cidades os anseios do capital e dos grandes investimentos, gerando um constante isolamento social dos espaços públicos.

David Harvey (1996) introduz uma discussão sobre a ideia da pós-modernidade, relacionando-a com um contexto de aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico, legitimando assim total desapego com o passado e a história. Para ele, o pós-modernismo não aspira a nenhuma configuração unificada de mundo – total e cheio de conexões e diferenciações –, “mas sim um mundo de fragmentos em total mudança, efêmero e diante disso não se dedica a englobar um projeto futuro global” (HARVEY, 1996, p. 55).

Nesse contexto de fragmentação das relações sociais envolvidas em um processo de emergência do capital neoliberal e da produção de cidades marcadas por espaços individualizados é possível notar o surgimento de diversos movimentos que buscam promover a aproximação das pessoas aos espaços democráticos da cidade, denominadas de intervenções temporárias. Adriana Sansão Fontes (2011) caracteriza-as como formas transitórias, que não deixam marcas físicas no espaço, ocorrendo apenas de maneira efêmera e movidas por grupos e coletivos que subvertem a ordem local. Em concordância, Mike Lydon et. al. (2015) as definem como “micro mudanças que podem ser utilizadas para despertar o Estado e a população para mudanças mais duradouras nos espaços livres aonde ocorrem” (LYDON et. al, 2015, p. 07).

O presente artigo, que parte de uma pesquisa de mestrado¹, tem por objetivo demonstrar como essas es-

¹ Este artigo parte de um recorte estabelecido da dissertação de mestrado intitulada “Estratégias de reapropriação cotidiana na cidade de Natal/RN por intervenções temporárias”, defendida por Manuela Carvalho, sob orientação da professora Ruth Ataíde, no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Agosto de 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/30699>>

tratégias nos espaços livres públicos em Natal/RN se concretizam como ações que promovem a democratização do acesso à cidade. Assim, ele se inicia com (1) uma reflexão teórica que evidencia elementos do contexto social, político e econômico do surgimento dessas ações na cidade contemporânea, demonstrando-as como novos estímulos na ressignificação dos espaços públicos; (2) a análise do campo empírico por meio de observações não-participante, cartografias sociais e entrevistas semi-estruturadas; (4) a análise dessas cartografias; e considerações finais.

Seria o urbanismo tático capaz de criar espaços de resistência?

No processo de transformação das cidades modernas, o espaço e o tempo adquirem novos ritmos e significados: as ruas se transformaram em alegorias, os locais de interação se fecham em muros e ambientes físicos ou mesmo virtuais, que são criados a partir das necessidades do capital. A vida é capturada pela lógica da mercadoria e o uso da cidade se torna objeto de vitrine, onde as relações sociais e a apropriação do espaço público passam a prosperar em enclaves, como shoppings, cinemas e supermercados. O espaço público é negado e substituído por locais criados e montados para o consumo, onde a cidade torna-se um espetáculo². Sobre esses processos, Harvey (1996) afirma:

A redução da experiência a uma série de presentes puros e não relacionados no tempo implica também que a experiência do presente se torna poderosa e arrasadoramente vívida e material: o mundo surge diante do esquizofrênico com uma intensidade aumentada, trazendo a carga misteriosa e opressiva do afeto, borbulhando de energia alucinatória [...] O caráter imediato dos eventos, o sensacionalismo do espetáculo (político, científico, militar, bem como de diversão) se tornam a matéria de que a consciência é forjada (HARVEY, 1996, p. 57).

Partindo dessas reflexões é possível compreender como a rapidez das relações pós-modernas e a condição efêmera da vida nas grandes cidades associadas às condições do capital neoliberal introduzem, por meio de diferentes signos, uma nova cultura, um novo tipo de consumo, ou mesmo novas necessidades de vida coletiva. A resposta a tais transgressões é, entre tantas outras, a formação de espaços públicos marcados pela impessoalidade, que afastam cada vez mais qualquer sinal de coletividade. A partir dessas relações, neste artigo, nos perguntamos como essas ações, a partir do uso temporário do espaço e do ur-

² Para Guy Debord (1997), toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Para o autor, o espetáculo da sociedade moderna consiste em um projeto de produção capitalista existente, que cria simulacros, imagens e signos, que modificam a cidade e a forma como as pessoas interagem nela (DEBORD, 1997, p.15).

banismo tático, produzem efeitos no cotidiano, levando em consideração a ordem social e as tecnologias de poder presentes nas ações dos seus atores.

Para isso, cabe a reflexão trazida por Neil Brenner (2018) sobre o processo de neoliberalização, que, para o autor, surge em meados dos anos 1970 e constituiu-se como um momento de reestruturação do capitalismo mundial, onde, “associado a necessidade de um rearranjo de uma política econômica, reestrutura o mercado global e o amplia fundamentando-se no dualismo Estado-economia” (BRENNER, 2018, p. 165-166). É importante notar que esse processo ocorre de forma desigual, promovendo ações de privatizações, flexibilização das relações comerciais, financeirizações, reformas da previdência e diversas outras ações que conduzem, a partir das cidades, a sociedade aos desejos dos mesmos detentores do capital.

Retomando Dardot e Laval (2016), os autores demonstram que um dos principais fundamentos do capitalismo e do neoliberalismo reside na transformação de todas as pessoas em consumidores, sendo, para isso, potencializados pelos avanços tecnológicos do Estado moderno. No contexto urbano, a cidade se converte em palco da reprodução de escolhas, por meio de mensagens publicitárias, anúncios, estratégias de marketing, e essa “privatização da vida social” passa a percorrer desde os espaços comerciais aos espaços públicos (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 224).

Essa reflexão nos leva à necessidade de compreensão da cidade contemporânea a partir dos seus principais agentes produtores: o Estado, as instituições ligadas ao capital e os seus habitantes. Partindo do pressuposto de que economia e a política influenciam na forma como nos apropriamos dos espaços públicos para o exercício da cidadania, tomamos as intervenções temporárias como ações recorrentes nos últimos 20 anos, que proporcionam condições para a construção de novos processos coletivos na criação de lugares, resistindo ao urbanismo formal, imposto pela neoliberalização das cidades.

Para Ana Fani Carlos (2007) é a partir dos diferentes lugares no espaço urbano que as experiências humanas e o espaço vivido pelo corpo se traduzem nos “lugares do cotidiano, nos modos de vida com o qual o homem se apropria, trabalha, realiza e denota significado, adquirindo e conquistando o direito ao acesso à cidade” (CARLOS, 2007, p. 18). Compreende-se que essas ações, aqui demonstradas como intervenções temporárias nos espaços públicos, promovem a cria-



ção de novos lugares nesses espaços subutilizados na cidade, ou mesmo os reativam temporariamente.

Rogério Proença Leite (2002) define que essas intervenções se consideram táticas, pois quando associadas à dimensão espacial do lugar, que a tornam vernacular, constituem-se em um contra-uso capaz, não apenas de subverter os usos esperados de um espaço regulado, mas também de possibilitar que o espaço resultante das “estratégias” dê origem a diferentes lugares a partir da demarcação socioespacial da diferença e das ressignificações que esses contra-usos realizam (LEITE, 2002, p. 122). Para o autor, os contra-usos consistem em ações que demonstram como espaços formais da cidade podem proporcionar diferentes formas de apropriação.

Para Brenner (2018), o urbanismo tático surge nesse contexto de crise de governança e pode captar uma gama de projetos urbanos emergentes, não sendo, portanto, uma técnica unificada. Para este autor, “esse urbanismo também é mobilizado de baixo para cima e “suas fontes geradoras devem estar fora do controle de qualquer ideologia, instituição, classe social ou coligação política” (BRENNER, 2018, p. 207). Ainda, identifica-os como novos modos de intervir no espaço de forma acumputural, possuindo, assim, um limite bem definido, como uma rua, um bairro, uma praça, sendo totalmente meleável e podendo “promover uma visão de práticas participativas e colaborativas de reestruturação” urbana (BRENNER, 2018, p. 207).

Apesar disso, é importante considerar que, em contraponto a esse urbanismo insurgente, existe um urbanismo formal que constrói e demarca os espaços da cidade, os quais continuamente se confundem em uma dualidade quase imperceptível. Nesse sentido, Brenner (2018) demonstra que, ao mesmo tempo em que as intervenções táticas surgem como respostas às lutas contra as formas de privatização, gentrificação, remoção, isolamento e exclusão socioespaciais demarcadas pelo urbanismo formal, essas são também, muitas vezes, “financiadas pelo Estado e pela iniciativa privada onde acabam se convertendo em mercadoria, objeto do lucro para esses investidores” (BRENNER, 2018, p. 195).

Para o autor, muitas propostas de designers e arquitetos para abrir a cidade por meio de iniciativas táticas e colaborativas contribuíram também para intensificar as mesmas formas de injustiça espacial às quais esses novos projetos deveriam combater. Para ele, essas iniciativas também geram grandes retornos econômicos

para os seus investidores, como “donos de terra ou de imóveis situados no próprio local ou nos arredores contemplados por esses projetos” (BRENNER, 2018, p. 196). Nesse sentido, mesmo expressando uma nova forma de uso e apropriação dos espaços públicos da cidade de maneira democrática e coletiva, essas ações também contribuem como forma de reafirmação das necessidades do capital, como demonstra Brenner (2018) ao afirmar que elas também produzem o efeito oposto de produção de uma cidade, onde as classes dominantes seguem impondo o controle na produção e apropriação do espaço urbano.

Apesar da natureza dual dessas ações, admite-se que elas são promotoras de lugares onde as pessoas e os grupos buscam demonstrar novos repertórios de significados e quem sabe, construir novas estratégias de se apropriar da cidade de forma democrática e igualitária. Na intenção de criar uma cidade aberta³ para a concretização do direito à cidade⁴, esses espaços se transformam em lugares, espacializando a vontade de ocupar o público à medida que são suportes à diversas identidades, à múltiplas ações culturais e trocas sociais, tornando-se espaços resistentes e articulando novas memórias coletivas.

Cartografias Urbanas: Um exercício de mapeamento das intervenções temporárias na cidade de Natal/RN

No intuito de compreender como o urbanismo tático é capaz de delinear uma ideia de cidade alternativa às que construímos hoje (BRENNER, 2018, p. 205), esta seção traz a análise de um mapeamento de quinze intervenções localizadas na cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte (figura 01). A análise foi fundamentada em uma revisão bibliográfica e observação não-participante de vinte e três intervenções, incluindo feiras livres, ações promovidas pela Prefeitura de Natal, circuitos culturais e intervenções espontâneas realizadas por diversos grupos e movimentos.

Neste primeiro momento, tais ações ocorrem em diversos espaços livres públicos dos territórios referidos e possuem distintas formas de organização e apoios financeiros distribuídos nas quatro regiões da cidade, conforme demonstrado na figura 02. Para um melhor entendimento dos impactos dessas ações nos seus respectivos suportes espaciais com base nas orientações teórico-metodológicas de Fontes (2011), Aparna Udayasuriyan (2016) e Bishop e Williams (2012) foi realizada uma classificação tipológica apoiada em quatro

³ Para Richard Sennett (2018), uma “cidade aberta deve ser mais igualitária e democrática que a maioria das cidades de hoje, com maior distribuição da riqueza e do poder por todo o organismo social. Uma cidade aberta trabalharia com complexidades, gerando por assim dizer uma molécula complexa de experiência. Em termos éticos, uma cidade aberta naturalmente toleraria as diferenças e promoveria a igualdade, mais especifi-

⁴ Para Henry Lefebvre, o direito à cidade está acima de tudo na “democratização do controle sobre os meios coletivos dos espaços urbanos e essa ação acontece na rua onde os grupos, e a própria cidade se manifesta, se apropria dos lugares, realiza um tempo-espaço apropriado. Uma tal apropriação mostra que o uso e o valor de uso podem dominar a troca e o valor de troca” (LEFEBVRE, 1970; 1999 p.30).



Figura 1
Localização da cidade de Natal no Nordeste do Brasil
Fonte: Produzida pelas autoras, 2020

critérios associados à ocupação e ao tempo das intervenções, quais sejam: tipo de espaço livre ocupado, tipo de ocupação, histórico de ocupação e temporalidade. Com relação às quinze intervenções mapeadas e os seus critérios de classificação, a figura 2 demonstra que todas possuem os espaços livres públicos como suporte espacial, sendo excluídas as ações que ocor-

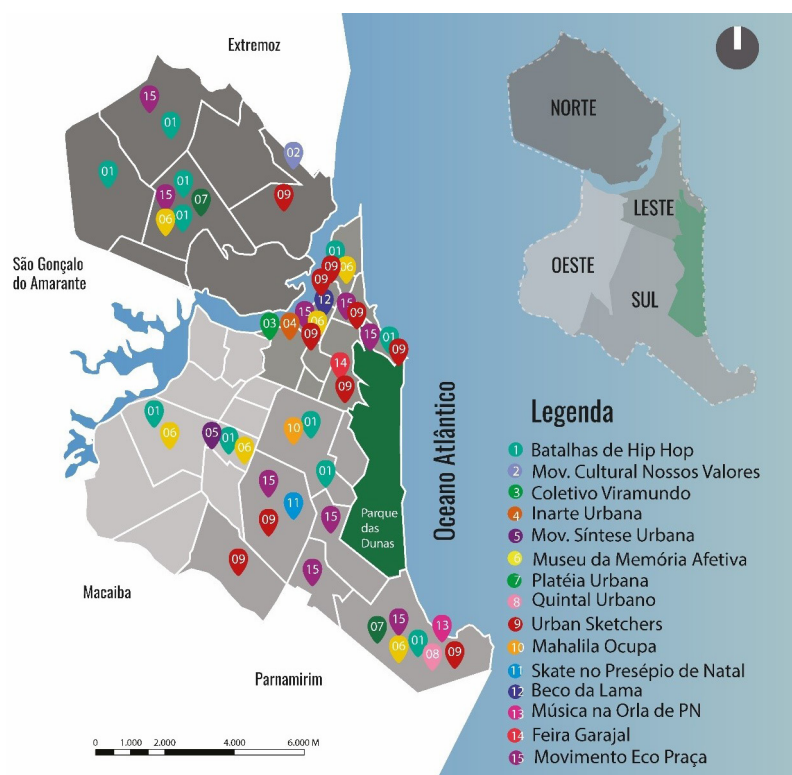


Figura 2
Intervenções temporárias na cidade de Natal divididas por Regiões administrativas. Fonte: Produzida pelas autoras, 2020

riam em espaços privados ou semi-públicos. No que diz respeito ao tipo de ocupação, todas possuem apoios ou patrocínios públicos - privados, sejam eles oriundos de editais apoiados em leis de incentivo à cultura, da própria Prefeitura de Natal ou de empresas privadas, como a Unimed. O tipo de ocupação reflete a natureza e a temporalidade desses movimentos, se eram ações culturais que sempre ocorreram na cidade, como é o caso das festas locais e feiras livres, ou se eram movimentos recentes, dos últimos trinta anos, e por isso caracterizados como contemporâneos, diferenciação que permitiu o enquadramento de todas as ações nesse grupo. Por fim, todas as quinze intervenções possuem temporalidade sazonal ou casual, podendo ou não observar um cronograma pré-definido pelos seus participantes.

Observou-se na figura 02 e tabela 01 que a maioria das intervenções se concentram nas regiões Sul e Leste, excluindo geograficamente e socialmente as regiões Oeste e Norte. Segundo o Anuário estatístico de Natal (SEMURB, 2018), a Região Norte apresenta rendimento nominal médio mensal de 0,92 salários mínimos, abaixo da média do Município (1,78 salários mínimos). Situado nessa região, o bairro da Redinha

Intervenções temporárias em Natal	Tipo de Suporte Espacial	Bairro/Região	Ocupação (com ou sem patrocínio)	Temporalidade
01 - Batalhas de Hip Hop	Ruas e praças	Diversos bairros na cidade	Sem apoios fixos	Sazonal
02 - Samba no Beco da Lama	Becos	Cidade Alta, Região Leste	Sem apoios fixos	Sazonal
03 - Coletivo Viramundo Potiguar	Ruas e praças	Alecrim, Região Leste	Sem apoios fixos	Sazonal
04 - Música no Espaços Astral	Orla marítima	Ponta Negra, Região Sul	Sem apoios fixos	Sazonal
05 - Feira Garajal	Ruas e praças	Tirol, Região Leste	Com apoios	Sazonal
06 - Inarte Urbana		Alecrim, Região Leste	Sem apoios fixos	Sazonal
07 - Mahalila Ocupa	Rua (entorno)	Lagoa Nova, Região Sul	Com apoios	Casual
08 - Movimento Cultural Nossos Valores	Ruas e praças	Redinha, Região Norte	Sem apoios fixos	Sazonal
09 - Museu da Memória Afetiva	Ruas e praças	Diversos bairros na cidade	Com apoios	Sazonal
10 - Movimento Eco Praça	Ruas e praças	Diversos bairros na cidade	Com apoios	Sazonal
11 - Movimento Síntese Urbana	Ruas e praças	Cidade da Esperança, Região Oeste	Sem apoios fixos	Sazonal
12 - Platéia Urbana	Praças	Diversos bairros na cidade	Sem apoios fixos	Sazonal
13 - Skatistas no Presépio de Natal	Parque urbano	Candelária, Região Sul	Sem apoios fixos	Casual
14 - Quintal Urbano	Ruas e praças	Ponta Negra, Região Sul	Sem apoios fixos	Sazonal
15 - Urban Sketchers	Ruas e praças	Diversos bairros	Sem apoios fixos	

Tabela 1
 Critérios de classificação das intervenções mapeadas
 Fonte: Acervo próprio

apresenta rendimento de 0,84 salários mínimos, abaixo da média da região e do município. A Região Oeste também se encontra abaixo da média, com 2,04 salários mínimos, e em discrepância a Região Sul possui o rendimento mais alto da cidade, de 3,45 salários mínimos e a Leste possui o valor do rendimento médio de 2,86 salários mínimos. Destaca-se ainda que os bairros de Capim Macio, na Região Sul, e do Tirol, na Região Leste, onde estão localizados alguns dos espaços escolhidos para as intervenções, como a Feira Garajal e o Movimento Eco Praça, abrigam as populações de maiores rendimentos mensais do município, correspondendo a 4,71 e 6,46 salários mínimos, respectivamente (SEMURB, 2018).

Com relação ao suporte espacial predominante nas intervenções, constata-se que elas foram realizadas em sua maioria em praças e ruas adjacentes (no entorno desses espaços públicos), em locais de fácil acessibilidade e visualização nos bairros das Regiões Sul e Leste, como é o caso da Feira Garajal, que acontece na Praça Assis Chateaubriand, conhecida como praça da Rua Ângelo Varela, no bairro de Tirol e do Movimento Eco Praça, que desde 2013 realiza diversas intervenções em praças da cidade de Natal, em sua maioria nessas regiões (figura 03). Cabe destacar, que o Eco Praça se caracterizou como uma expressão efêmera de ocupação de praças que conseguiu alterar,



Figura 3
Ação do Movimento Eco Praça realizada em 25 de janeiro de 2020 na Ribeira (Zona Leste de Natal)
Fonte: Facebook do Movimento Eco Praça, fotógrafa Luana Tayze. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ecopraca>>. Acesso em: 15 jun. 2021

ainda que temporariamente, as suas funções e formas de apropriação: antes lugares de passagem para espaços de integração e convivência no cotidiano das comunidades onde se inserem.

Também é importante destacar as ações dos coletivos urbanos de base popular, que se pautam pela promoção e pelo desenvolvimento da arte e da cultura junto à populações mais excluídas de bairros e setores urbanos segregados da cidade e que realizam intervenções em espaços públicos localizados em diversas comunidades socialmente vulneráveis. Entre esses coletivos destacam-se: Nossos Valores na comunidade da África, bairro da Redinha (figura 04); Viramundo Potiguar e Inarte Urbana (comunidade do Passo da Pátria, bairro do Alecrim); Síntese Urbana, bairro da Cidade da Esperança e as batalhas de rap, que acontecem em vários bairros da cidade.

Ressalte-se ainda que, exceto as ações realizadas na comunidade Passo da Pátria, as demais ocorrem em



Figura 4
Movimento cultural Nossos Valores na comunidade de África. Fonte: Facebook do Nossos Valores.
Disponível em: < <https://www.facebook.com/MovNossosValores/>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

bairros localizados nas regiões Norte e Oeste, que abrigam populações com os menores rendimentos nominais do município (0,92 e 2,04, respectivamente). Essa excepcionalidade também não distancia a situação socioeconômica do Passo da Pátria das demais, tendo em vista que, embora se localize na região Leste, constitui-se numa das comunidades mais vulnerá-

veis do município, tanto socialmente como ambientalmente. Considerada uma Área Especial de Interesse Social - AEIS pelo Plano Diretor de Natal (NATAL, 2007), o Passo se configura como uma área de fragilidade socioambiental, localizada entre os bairros de Cidade Alta e Alecrim, entre a Pedra do Rosário, Avenida do Contorno, Base Naval de Natal e Rio Potengi (SEMURB, 2009, p.122).

A partir do mapeamento e da classificação das quinze intervenções foram realizadas entrevistas semiestruturadas e cartografias sociais. Para as entrevistas, recorreremos a Eduardo Robini da Silva et. al (2016), que as define como um roteiro de perguntas abertas previamente elaboradas de modo que o entrevistado sinta-se livre para falar sobre o tema abordado (SILVA et. al. 2016, p. 06). Para a compreensão da cartografia, tomou-se como referência Henri Acselrad (2013), quando define a cartografia social como um importante elemento na construção de políticas entre os diferentes atores sociais em suas comunidades, à medida que dá visibilidade a esses, aos seus territórios, territorialidades, representações, identidades, conflitos e lutas por reconhecimento de direitos. Dessa forma, a cartografia pode ampliar o conhecimento dos grupos sociais sobre seus territórios, suas histórias, os usos que fazem de seus recursos, além de evidenciar relações e conflitos ligados à disputa de poder por lugares no espaço (ACSELRAD, 2013, p.21).

No que diz respeito aos apoios e financiamentos das intervenções, as entrevistas revelaram que muitas delas são promovidas com o apoio de agentes públicos e de empresas privadas, por organizações culturais ou mesmo como projetos de extensão de instituições acadêmicas, como é o caso das ações do Plateia Urbana e do *Urban Sketchers*. Segundo a professora do curso de organização de eventos no Instituto Federal de Educação – IFRN - da Cidade Alta e idealizadora do projeto Plateia Urbana, essa ação multicultural, colaborativo e itinerante tem como objetivo levar cultura e lazer para comunidade, de forma gratuita, além de possibilitar a prática profissional e a inserção social aos estudantes do curso. Assim, o coletivo, além de adquirir recursos por meio de rifas e empresas colaboradoras, também utiliza equipamentos da instituição IFRN, que atua na promoção.

Também promovido e coordenado pela academia, o grupo *Urban Sketchers* Natal (figura 05) surgiu em 2012 a partir da experiência dos professores e alunos do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente, o grupo

reúne em média trinta participantes e promove ações frequentes em vários bairros da cidade, utilizando os espaços públicos livres, especialmente praças e ruas, como *lócus* das suas atividades - o desenho de observação, objetivo principal da ação. Cabe destacar que o grupo, mesmo em meio a pandemia da Covid-19, manteve-se ativo e articulado em redes, realizando encontros virtuais a partir do desenho por plataformas como *Google Street View*. Segundo relato de um dos coordenadores do projeto em 2019, a principal motivação do grupo é desenhar e estabelecer vínculos cotidianos com a cidade, colocando-os em contato com a rua, com o espaço público, com os edifícios e promovendo a descoberta desses lugares.

Por fim, analisando a produção cartográfica realizada com os atores das intervenções, destacam-se dois grupos existentes em um mesmo complexo de favelas: Inarte Urbana e Coletivo Viramundo Potiguar, que atuam na comunidade do Passo da Pátria, localizada nos bairros de Cidade Alta e Alecrim, às margens do rio Potengi e da linha do trem. Esses dois grupos



Figura 5
Encontro Urban Sketchers Norte-Nordeste na cidade de Natal. Fonte: Facebook do Urban Sketchers. Disponível em: <<https://www.facebook.com/usknne>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

desenvolvem um trabalho bastante complexo, não só pelo fomento às atividades culturais, como também por proporcionarem ações que promovem a integração de todas as comunidades existentes naquele território, que hoje se identifica e se divide em quatro: Passo da Pátria, Ocidental de baixo, Ocidental de cima e Pedra do Rosário.

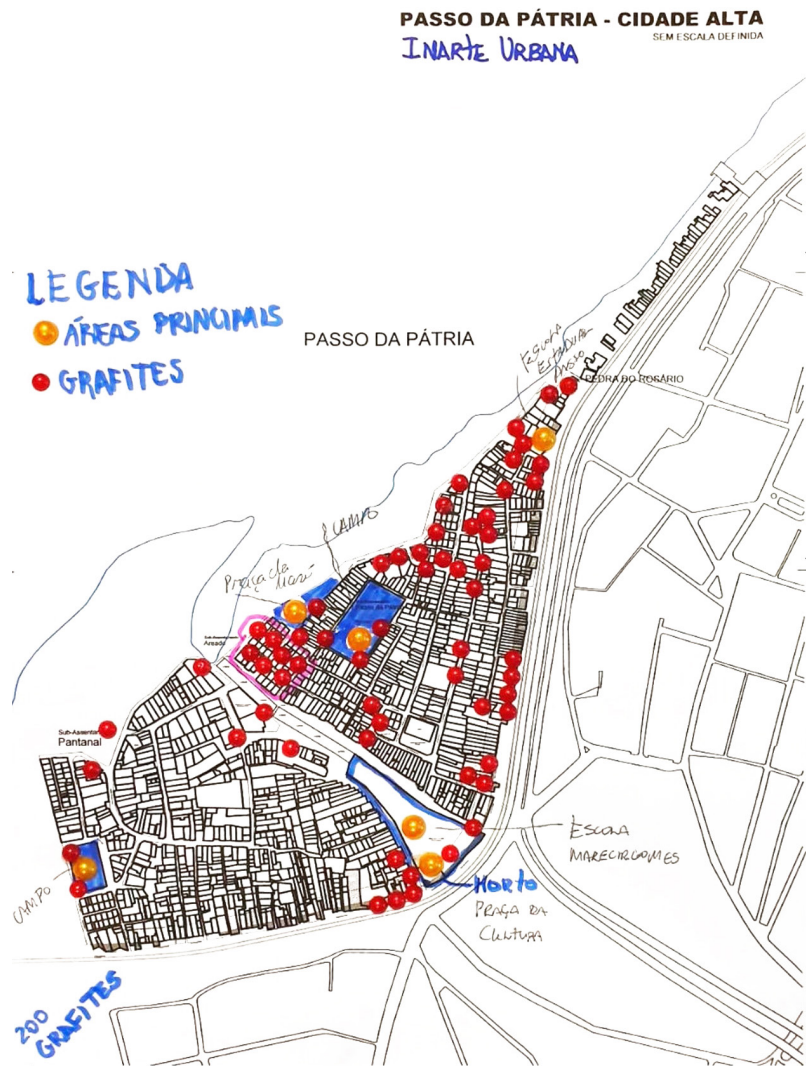


Figura 7
Cartografia do Inarte Urbana. Fonte: Produzida pelas autoras e por membros dos grupos em novembro, 2019

e convidados a um momento de imersão e produção coletiva e colaborativa no interior da comunidade. O projeto, proposto pela Casa Vermelha em parceria com a associação franco-brasileira Pixo, acontece na comunidade do Passo da Pátria e atualmente é coordenado por seis pessoas, entre elas Saionara Pinheiro Barbosa (coordenadora local), entrevistada em outubro de 2019. Segundo Saionara, o projeto teve início no ano de 2015 com o intuito inicial de promover o reconhecimento do grafite urbano como arte.

As cartografias demonstradas nas figuras 06 e 07 foram realizadas coletivamente com os grupos Viramundo Potiguar e Inarte Urbana. Ao observar a figura 05, nota-se uma maior percepção das delimitações (post-its demonstrando ruas e locais) e uma representação mais detalhada dos espaços públicos reconhe-

dos (praças e monumentos). Neste mapa é notável o reconhecimento do Canal do Baldo como delimitador das comunidades ocidental de baixo e de cima, do trajeto dos cortejos que são realizados pelo movimento entre as residências e as pessoas conhecidas, assim como dos próprios pontos de suas intervenções.

Considerações finais

Este artigo parte de uma pesquisa que entende o urbanismo tático e o uso temporário do espaço como estímulos à criação de laços de solidariedade e de colaboração entre os diversos atores que vivem nas comunidades e participam das ações analisadas. Acredita-se que tais ações, quando apropriadas junto a espaços consagrados, potencializam a criação de novos lugares a partir de memórias e desejos pré-existentes nesses locais. Isso demonstra a potência do urbanismo tático quando este contribui para afirmar e fortalecer as relações de afeto existentes e as necessidades presentes nos espaços ocupados, de modo à reconfigurar narrativas e ressignificar lugares, proporcionando novas possibilidades de uso.

Finalmente, como contribuição das cartografias sociais, destaca-se a facilidade de proporcionar o reconhecimento espacial das intervenções, permitindo compreender como elas remodelam a estrutura formal da cidade, criando novos lugares e revelando significados antes escondidos. Com relação às cartografias dos movimentos Inarte Urbana e Viramundo Potiguar, nota-se que os organizadores de ambos se mostram envolvidos com a produção das intervenções, e com a escolha dos espaços apropriados junto aos moradores da comunidade. Entretanto, nota-se que o Inarte tem uma atuação mais pontual e sazonal na comunidade, fato demonstrado também pela menor quantidade de detalhes e informações apresentadas no mapa. Os dois grupos têm em comum alguns locais mais utilizados para as suas intervenções, que são a escola Passo da Pátria, o campo de futebol, a escadaria do Passo, a Praça da Maré, a quadra de esportes e a escola municipal Mareci Gomes – elementos de referência destacados em amarelo.

De modo geral, todas as intervenções possuem características, intenções e conteúdos diferentes. Nesse sentido, por meio das entrevistas e cartografias, foi possível extrair um mapeamento crítico que evidencia experiências e uma diferenciação dessas em quatro grupos distintos: (1) intervenções puramente coletivas e sociais que não obtêm apoio ou patrocínio, caracterizadas, assim, como ações de resistência; (2)

ações educativas promovidas com o apoio de instituições de ensino ou projetos de extensão; (3) ações casuais que ocorrem sem organização, cronograma ou apoio e (4) ações de cunho mercantilista, que se caracterizam pelo financiamento e interesse do mercado.

Por fim, é inegável que as intervenções temporárias promovidas pelos diversos grupos e atores locais respondem aos problemas impostos pelo urbanismo neoliberal. Entende-se que a principal contribuição dessas intervenções para cidade consiste numa atuação que se propõe a subverter a ordem vigente a partir da demonstração de que o cidadão comum é também capaz de protagonizar e recriar os lugares que habita. É certo que essas ações por si só não podem desmontar um sistema de produção das cidades construído em fundamentos tão sólidos, mas, em meio à crise urbana e suas respectivas contradições, são capazes de demonstrar novas possibilidades de intervenções e, principalmente, apresentar soluções e ferramentas simples que podem nutrir o planejamento urbano de forma participativa.

Referências

- ACSELRAD, Henri; COLI, Luis Régis. *Disputas cartográficas e disputas territoriais*. In: ACSELRAD, Henri (Org.). *Cartografias sociais e território: Um diálogo latino-americano*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008. p.13-45.
- BRENNER, Neil. *Espaços de Urbanização*. O urbano a partir da teoria crítica. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra capital – Observatório das metrópoles, 2018. 356 p.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007. 85 p.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016. 413 p.
- DEBORD, G. *A Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FONTES, Adriana Sansão. *Intervenções temporárias, marcas permanentes. A amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PROURB-FAU/UFRJ, 2011.
- LEITE, Rogerio Proença. *Contra-usos e espaço público*. Notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. In: *Revista brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: Junho, 2002. v. 17. n. 49. p. 115-134.
- LEFEBVRE, Henri. *O Direito à cidade*. Tradução Rubens Eduardo Frias. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008b [1966]. 141 p.

LYDON, Mike et. al. *Tactical Urbanism: Short-term Action for Long-term Change*. Journal of the American Planning Association. Routledge: 2015.

SEMURB. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. ReHabitar. Natal: 2007.

HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 25 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

SEMURB. *Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo*. Anuário de Natal: 2017-2018. Natal:2018.

SENNET, Richard. *Construir e habitar*. Ética para uma cidade aberta. Tradução de Clóvis Marques. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SILVA, Eduardo Robini da. et al. *Caracterização das pesquisas de teses em administração com abordagem qualitativa*, v. 06, n. 01. Roraima: Revista de Administração de Roraima –RARR, 2016. p. 204-223.

UDAYASURIYAN, Aparna. *Bottom-up Urbanism in temporary Urban space*. Research Master Planning and Sustainability. Université de Tours (Tese de Mestrado). França: 2016.